

Casa do Ardina  
GALICIA DA GLÓRIA, 39  
L I B R O S



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Casa do Gaiato da Porto  
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário  
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Tip. da Casa Nun'Alvares  
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

## Que a Sociedade veja!

## Também falam os GRÉMIOS

**F**OI no dia 24 de Maio, na cidade de Lisboa, e às primeiras horas do dia; eu tinha ido ali, em serviço dos meus amores.

O dono de certa papelaria arengava à porta, com um garoto dos jornais fígado pelo peçoço. O povo estaca. O monte cresce. Comenta-se: *olha agora, envergonhar assim a creatura.*

Daí a nada, chega um polícia, que conduz o rapaz filado da mesma sorte e a pasmaceira de banda.

Fui à esquadra. Dentro, uma data de guardas à roda do vendedor de jornais.

—Que é que você deseja?  
—Falar ao official de dia.

Não estava. Um subalterno de três divisas, fazia perguntas e tirava de dentro das algibeiras do ladrão ganchos de arame, chaves falsas, carteiras vazias; e da saca dos jornais, o roubo daquela hora: —duas Revistas e um livro de leitura.

—Dê-me êste rapaz, meu senhor.  
—E' um bandido.

—Pode ser que o seja, mas ainda não é. Dê-me.

—E' perigoso. Estamos a levantar o auto. Vai seguir o seu destino!

Lancei os meus braços sobre os ombros do bandido, amorosamente. Soube que mora numa barraca, que a mãe vende jornais, e arrisquei mais dois murmúrios:

—Não foi por mal, senhor guarda; dê-me o rapaz.

—Que não.

Desci à Arcada tratar dos meus negócios, com êste caso do dia escondido dentro do peito. Tudo naquela tarde me pareceu pequeno; a grandeza do que eu tinha visto e ouvido na Esquadra, ofuscou-se e diminuiu pessoas e palavras. E eu ouvi tantas, tão lindas, a pessoas tão gradas!

Regresso das voltas à noitinha, cansado e triste.

Sobre a mesa do hotel, estão os jornais do dia. Abro ao acaso o de Notícias. Vinha lá que em Bruxelas, oito bandidos armados entraram em um Banco, amordaçaram os funcionários, convidaram o tesoureiro a abrir o cofre e foram-se

embora com 3 milhões de francos belgas...!

E' muito mais fácil a mim o pedir creanças nas esquadras do que o dá-las. As sociedades regem-se por leis:—estamos a lavar o auto. Mas tempo virá em que os Regentes das Casas do Gaiato hão-de ser portadores de titulo official, para resolverem sumariamente, em casos semelhantes, o assunto mais grave dos nossos tempos, qual é o da delinquência infantil. Não vão, seguramente, acabar, mas sim diminuir o número dos Bandidos. Hão-de vir tempos. Por enquanto não, que é cedo. Estamos justamente a dobrar o cabo dos reparos, das críticas, dos ataques, das reticências, a maneira mais angélica de botar abaixo, e das expectativas:—*por enquanto não se sabe, vamos a ver...*

Homens experimentados na rotina dos séculos, hão-de necessariamente pôr de quarentena a doutrina endiabrada das Casas do Gaiato, ela é simples de mais para quem fez e ama o complexo.

E' a hora dos sofrimentos. O grão de trigo morre debaixo da terra e só depois é que dá fruto. E se não morrer, não dá fruto. Outros virão colher na alegria o que hoje

se semeia em lágrimas. E' tão doce o compreender! *Senhor, que eu veja!* Hão-de vir tempos.

Mesmo que não por outro amor, parece que o dos cofres deveria ser mistério suficiente para jámais se permitir que um Menor entre sob prisão nos cárceres dos Bandidos—*roubaram 3 milhões de francos belgas.* Mas êle há razões muito mais altas; o poder de irradiação das almas, que de maneira nenhuma se podem isolar. O Mal é uma força do espirito, e comunica-se. Ora eis.

Claro que as leis sociais são sempre feitas para o Bem Comum.

As da escravatura, naquele tempo, também eram consideradas um beneficio social e daqui nasce, que os homens responsáveis pela sua abolição, foram mártires. Hoje não. A consciência publica não tolerava escravos nas feiras.

Pois é necessário que as pedras das ruas se levantem, sempre que vejamos passar um Menor para os calaboiços, à espera de destino; que êle não pode haver para o Menor e para nós, um destino pior!

Tenho dito.  
Se não está certo, emenda.

## Do que nós necessitamos

*Mais de um visitante 200\$00, mais 50\$00 de outro, mais o mesmo de outro, mais 200\$00 de uma familia do Porto, que também quiz ver, mais 50\$00 por carta registada, mais na rua um tome lá 20\$00 e igual quantia da mesma sorte, mais no Depósito um sacco de nozes. Os rapazes que foram vender ao Porto, trouxeram a interessantissima oferta de 60 escôvas de dentes e outras tantas pastas e outros tantos copos, que um amigo nos ofereceu. Não se cuide que os garotos sintam a necessidade de lavar os dentes; não sentem. E' necessário criarlha, com muito trabalho para êles*

*e trabalhos para nós. A necessidade de pão para a bôca absorve tudo e faz esquecer tudo o mais; nem moral nem costumes, nem asseio—Pão! Depois de saturados, então sim; vamos à moral, aos costumes, ao asseio. E' até, por êste caminho, e só por êle que chegamos às culminâncias do Evangelho. E' doutrina tão forte, que os estômagos fracos não a recebem! Quando comecei com os trabalhos da Obra da Rua, costumava ser muito censurado por não punar os meninos à Comunhão,—reparo do mundo devoto e piedoso; eu já a dizer peganhoso. O Mestre fez e ensinou que primeiramente se*

*deve dar de comer a quem tem fome. Mais um cheque de mil escudos do Porto, para que não mais vejamos pelas ruas tantas creanças infelizes. Mais um senhor do Porto, que nos trouxe 20 litros de azeite. Oh que linda e preciosa oferta! E' a primeira que nós temos deste género. A gente, que vinha de Coimbra tão afeitinha a elas, aqui estranha. Obrigada, meu senhor. Mais 926\$00 de O Comércio do Porto, por esmolas ali recebidas; mais 100\$00 de Calvão. Sim senhor; recebemos o material escolar e por agora estamos remediados. Mais um envelope com 250\$00 no Depósito e disse.*

# NOTÍCIAS

com algum dos meus Rapazes, não leves isso á conta de estroinice. É um acto sério, de significado funcional. A não ser em casos de perversão, é absolutamente impossível que nestes

# DIVERSAS

Oh! minha Senhora, o Malão comeu as minhas papas. Esta foi a queixa matutina de um destes dias, que o José-sito apresentou solenemente na cozinha do forno, contra o Alberto do Pôrto.

As papas de milho, são uma fonte de discórdias, de apetite e de saúde. É a refeição mais desejada que nós temos. Alguns, a princípio, afeitos como veem á mentira do café, nem por isso lhe pegam. Mas é coisa de poucos dias; depressa começam a saborear. As papas são feitas na cozinha do forno, num imenso panelão de três pernas, ao calor de um fogareiro que os mais pequeninos gostam de atigar e os mais crescidos também, mas têm as suas ocupações. O Constantino risca, enquanto o cosinheiro segando prepara o fogão para o jantar, e na cozinha própria.



O "Tripeiro" toca às papas por favor do cozinheiro

São festas de grandes recompensas, as nossas papas. A primeira, é o rapar da panela, que se guarda para aqueles que mais merecem. A segunda é uma colher de açúcar no resto do prato, manjar este que não tem parrelha e pelo qual eles dão a vida. O que seria necessário oferecer como prémio, a uma criança que tem tudo? Estas, mais acomoadas, tudo aceitam e agradecem porque nunca tiveram nada!

Vale bem a pena ser farrapeiro.

O António do Bairro, o nosso carpinteiro, foi ao Pôrto com o mestre comprar ferramenta. Quis mostrar obra feita e vai daí, nas horas vagas, levantou uma «moto» de duas rodas, que é hoje a última palavra no meio da malta. Tem sido experimentado por todos na nossa avenida, já rasgada de lés-a lés. Este carpinteiro tem o nome de «S. Pedro» e ao companheiro de oficina, que ainda está no hospital, deram o de «S. Paulo». A gente deixa as alunas, que são muito qualificadas.

O Periquito foi um do rancho de verdadeiros do derradeiro número do Gaiato. Contou de como uma senhora do Pôrto lhe perguntara se nós já temos galinhas e que tem uma ninhada de pintainhos para nos oferecer. Mas esqueceu-se da moada; o Periquito é assim. Aqui deixamos o recado á senhora dos pintainhos. Diga-nos onde mora, que o Periquito vai pela criação.

O Sérgio e o Raúl e o Adélino foram esta manhã ao mato. O Pepe levou o jantar aos companheiros, dentro de um cesto de vime, com o gorgalo da garrafa ao lés. São extremamente saudáveis estes dias de roçar mato, e defendem dos males da vadiagem os pequeninos, que doutra sorte se perderiam. O Raúl foi az em Paços-de-Brandão e o Adélino, vedeta da Mouraria.

O Carlos de Tábua continua na cozinha. De natureza indolente, tem feito poucos progressos. Mas nem por isso se desanima. Ele tem de continuar na cozinha, por não poder com os trabalhos de campo. Já se lhe deixou crescer o cabelo á papo-séco, em prémio dos esforços que tem feito; e tem um passeio prometido á Foz, ver o mar que nunca viu, se continuar no mesmo passo.

Se algum d.a deres comigo num Café do Pôrto, a tomar coisas quentes

dias de passeio feliz e um copo leite quente, o rapaz não se obriga a ser melhor e a mostrar as suas resoluções.

O dia da expedição do «Gaiato», é uma das horas mais giras da nossa Casa. Há a turma dos que escrevem e a dos que dobram. Os primeiros são mais importantes; é um serviço intelectual. Os outros, é braço. O primeiro quarto de hora, é de zaragata por causa do lugar, e das canetas, e dos tinteiros.

O coiso, larga lá isso! Os mais apaltonados começam de vespera e querem saber se o jornal já veio. O Luciano, o Julio, o Compadre-Chegadinho, o Pepe, o Tripeiro, o Lisboa; estes são considerados escriturários de primeira classe e levam duas horas ao fim, sem queixumes. O Amadeu e o Pardal-sem-Rabo, são azes no dobrar. O Mondim é mais fraquito. A merenda desse dia costume ser reforçada, e isto é justamente o que o jornalzinho tem de melhor para eles.

## Anos festejados

O Menino Emanuel Alegria da Rocha Brito, do Pôrto, manda a seguinte carta ao nosso Manuel Delfim, que fez 8 anos no dia 22 de Maio:

«Meu amiguinho; Sei que fazes anos no dia 22 de Maio e por isso te envie uma prenda de 20\$00 para comprares o que quizeres e também uns rebuçados, que deves gostar, que foi a minha avó que comprou para dar por mim porque estive doente, a minha avó prometeu dar-te uma prenda se ficasse bom e como já estou bom envio-te isto.»

O arquivo destas cartas infantis, é a pedra angular da «Aldeia dos Rapazes»; tenho-as todas guardadas, como penhor seguro da continuação das obras. Nós não queremos o número, dentro das nossas casas. Tal horror lhe devotamos, que até a roupa do uso é distribuída de côr, ao jeito do corpo e da pessoa. Não queremos numeros. Queremos o nome. Fez anos o Manuel. O nome é uma pessoa e traz uma história. Levanta compaixões, provoca lágrimas, acende fogueiras, faz labaredas, ateia incêndios. Caridade perfeita. Tenho dois lençois na cama disse o Manuel a quem veio visitá-lo no dia dos seus anos; gosto muito de cá estar. Ele, que nem sequer cama tinha!

É pelo conhecimento do nome, que tu lés a sina da criança abandonada, e amas mais os teus filhos, para que nunca o sejam.

É ainda por causa do nome, que uma amiguinha de Leça de Palmeira, quiz festejar os anos do nosso Gaiato com uma carta e caixa cheia de varias coisas para ti. As cartas são lidas diante de todos depois da refeição da noite. Elas são a nossa sobremesa! Mais valor, mais substância do que as lautas de outros tempos, hoje, felizmente, em decadencia. Foi, até por causa de tanto lamber, que se chegou a tanta miséria!

## ATENÇÃO

Daqui fala a Casa do Galato de Paço de Sousa:

O Sr. Doutor Ellisio Mergulhão, ofereceu-se para tratar os dentes dos nossos catraios. O primeiro a ir, será o José de Mondim, que os tem sobrepostos em riscos de ficar defeituoso. Senhor Doutor, a nossa gratidão antecipada.

# CARTA DE LISBOA

## A CASA DO ARDINA

Não sei se te lembras ainda da carta em que te contava as alegrias e tristezas que temos com os ardinas nas coisas pequeninas, naquelas a que pouco dão importância, e que a nós mais nos interessam, no entanto.

Pois o que te dizemos dos ardinas, aplica-se também ao meio dirigente, a todos, afinal.

Uma incompreensão ou má-vontade pequenina fazem-nos sofrer tanto, como as grandes, as maiores...

Uma palavra ou um gesto de amizade e carinho que nos venham provar compreensão da Obra do

## Como eu vim para Portugal

Passei muitos martírios para traçar a fronteira. Porque a guarda republicana, se me apanhá-se dava-me um inção de pancada.

Mas para me librar teve que me meter na gorila do comboio.

Andava nos comboios acervir de guarda-freio.

As vezes lá calhava de entrar alguém corria-me aos pontapes;

Andava em terras estranhas. Ia á pedir um bucadinho de pão.

Andava quasi a morrer com fome.

Esteve preso na barquinha três meses.

Tivero confiança em mi e mandoro-me a buscar um cataro de água deixei na fonte e fugi.

Fui para entrocamento e depois fui para Afarrerede esteve quasi a ficar de baixo de comboio e uns homens que estava ao pé botara a mão e a panho-me e melevou para casa dêle andava lá a fazer qualquer serviço. Beio um homem comigo a trazer-me para a Casa do Gaiato. Muito triste, não conheço ninguém. Estou a prender primeiras letras. Saio da escola vou para o campo agarro-me a enchada para ganhar saude sou feliz.

Este é o nosso Pepe, o José Gonzalez Menino, que passou muitos martírios até chegar ás nossas casas. Cruz Vermelha, Embaixada de Espanha, Consulado da mesma, pesquisas em Badajoz onde perdeu os Pais no massacre de 37,—tudo foi campo de lágrimas onde levei suas notícias, de coração apertado; pois que o dever de o entregar, era amargura de o perder. Vai fazer dois anos que ele deu com a Patria em terras estranhas, e quer ser de Portugal. Tive conhecimento ha dias, de que na cidade de Malaga ha uma obra semelhante á nossa. Chamei o Pepe; expliquei: perguntei se queria ir.

Eu sou da Casa do Galato. Conheci concieiras e perigos; suportou inclemencias de tempo e dos homens. Tão esfaimado vinha, que durante muitos mezes tivemos de vigiar a sua alimentação.

Hoje o Pepe, quer que todos comam. Vigia que todos comam, até os proprios animais.

Temos dois gatinhos que ele esmera. Pois o simpático pequeno vai ás vacas tirar leite para eles, aninha-se ao pé a dizer meiguices e está até á derradeira gota.

—Pepe, que perdes tanto tempo.

—Passei muita fome! Aprendeu a ser bom num mundo mau e ingrato! Se eu pudesse ter preferencias, havia de sentar o Pepe á minha direita, mas não. Davo, quero conquistá-los todos.

Ardina, dão-nos a maior das alegrias!

E tem havido tantas, graças a Deus!!...

Há dias uma Noelista entregou-nos 2\$80 muito embrulhados num papel.

Ela era a intermediária do irmão —o Jorginho (9 anos) que nos enviava assim as suas economias de um mês...

Aqui há meses tivemos conhecimento dum caso ainda mais extraordinário de compreensão social:

Um pequenino de cinco anos ouvira falar á família da «Casa do Ardina» e dos ardinas...

Passeando na Avenida da Liberdade, onde mora, encontrou um garoto pobre, que devia andar pela idade dêle a pedir esmola.

O Alvaro José (assim se chama o nosso pequenino herói) foi logo ter com êle e aconselhou-o a não pedir esmola, mas sim a trabalhar honradamente, lembrando-lhe que podia ser ardina, que podia vender jornais...

No dia seguinte os dois pequeninos voltaram a encontrar-se. Os conselhos amigos, fraternos do Alvaro José haviam sido seguidos, o garoto pobre sobraçava um molho de jornais, que apregoava animadamente.

A alegria do Alvaro José foi incalculável. Largou a mão do avô, com quem passeava, dizendo-lhe numa voz comovida:

—«Ele faz o que eu disse!... que bom!»

Aproximou-se do novo ardina, chamou-o e puxando de \$50 que levava na algibeira, apressou-se a comprar-lhe o jornal, para o... premiar e animar, pois não sabia ler!...

Repara: o pequenino Alvaro José não deu esmola, antes comprou o jornal, ensinando aquêle garoto pobre a ganhar honestamente dinheiro para a sua família.

É esse também o nosso grande ponto de referência:

Levar os ardinas a compreenderem os seus deveres para com a família, dando-lhes consciencia de que o dinheiro que ganham não é para seu proveito, antes dos pais é irmãos!...

Numa palavra: dar-lhes consciencia do seu valor social e familiar é a nossa humilde missão!...

Quem dera que os «Grandes» soubessem compreender com a mesma grandezza de alma que estes dois «pequeninos» de que falo em cima!...

Já contamos com alguns, com muitos, mas não com... todos, ainda!...

E era o que eu queria, para poder morrer contente, na certeza que o problema do ardina seria resolvido a fundo, ficava a viver nas almas dos outros, como na minha...

MARIA LUÍSA

## NOTÍCIA

Um subdito de Sua Magestade Britanica envia um cheque de mil escudos para A OBRA DA RUA com a legenda:

«As a token of Humanit's debt to you»

E' pela sua bondade que êle assim o entende. Mas é á Creação abandonada que a Humanidade deve tudo.

# Do que se diz e do que se faz na : Casa do Gaiato de Coimbra :

## O MAIOR PECADO

Não é pelo facto de ter entrado nas nossas Casas, que o pequenito fica imune de todas as imperfeições e culpas.

Não se lhe mudam os maus hábitos como se substituem os farrapos sujos que enverga, por uma roupita lavada, depois dum banho geral.

As nódoas da alma são mais profundas e reaparecem ainda por muito tempo. O Gaiato continua a ser de carne e osso, como todos os mortais, e, portanto, sujeito a imperfeições mais ou menos desculpáveis, atendendo ao meio de que proveio e á educação que recebeu.

Pois a melhor forma de o chamar á responsabilidade dos seus actos, de despertar nele o arrependimento e inspirar-lhe o desejo de maior perfeição, é dizer-lhe que o seu procedimento desgosta o Snr. P.<sup>o</sup> Américo.

Um exemplo, dentre centenas, confirma esta regra quasi sem excepção.

A pequenada, de fato domin-gueiro, foi comer a merenda da Quinta-Feira de Ascenção, para um dos arredores mais aprazíveis de Miranda. Voltou á hora da ceia.

Sentado num banco, na rua das Oliveiras, rezava o último salmo do Breviário, quando comecei a sentir o chilrear alegre dos gaiatos que chegavam ao fundo da escada da quinta.

A frente de todos, bastante destacado, vinha o José Carlos. Querria ser o primeiro a trazer notícias do passeio. Dirigiu-se ao meu lugar de recolhimento, e saúda com uma delicadeza que me surpreendeu:

—Boa tarde, Snr. Padre.

—Olá, meu Zé Carlos! Vens radiante! Que tal foi o passeio?

—Muito bom! Deram-nos cerejas e vinho...

—Ah! quem quiser ver-vos contentes, é encher-vos bem o estômago, não é?

—Pois! E souberam-nos só bem...

—Olha cá: tu lá em Montemor-o-Novo, também tinhas quem te desse coisas boas?

—Oh! oh! Era a Snr.<sup>a</sup> D. Florentina e... era um pau!

—Vês como o Snr. P.<sup>o</sup> Américo foi teu amigo trazendo-te para aqui.

—Isso é verdade!

—Mas tu não és amigo dele!

Eu?! Logo uma nuvem de tristeza lhe turvou o olhar.

—Sim: tu! Dissestam-me que tu tinhas feito isto e aquilo...

Então é assim que pagas ao Snr. P.<sup>o</sup> Américo?

O José Carlos, duro e insensível como legítimo alentejano que é, desta vez, não consegue reter a comção. Num momento de pausa, convenci-me da sinceridade do seu arrependimento.

—Bem! Prometes-me esforçar-te por te corrigires?

—Prometo sim, Padre!

—A sério!

—A sério!

Por entre as ramadas das parreiras o José Carlos sumiu-se, a correr, para não mostrar ao grupito que vinha a chegar, as pérolas que lhe caíam pela cara abaixo, e para ir dar a ceia aos suínos que já chamavam por êle.

## COLONIAS DE FERIAS!!

Se contássemos somente com a generosidade dos homens, hoje mesmo, em vez do ardente apêlo que vamos lançar, lavrariamos o assento de óbito da Casa do Gaiato de Coimbra.

Mas nós confiamos em ti, Senhor, que criastes o mundo e o fizestes suficientemente grande para que chegue para todos, e maravilhosamente o governas e fecundas de maneira a não faltar o pão a todos os teus filhos, como não falta às avezinhas do céu. Assim os homens o queiram distribuir com equidade.

E não são os farrapos da Rua, filhos teus também? Olha, senhor, para aquele pequenito que aqui vem a chorar — Padre, tome conta de mim que meu pai pôs-me fora de casa e á minha avó.

Olha para aquele também que chama — dê-me para uma sopa, porque só quando o vejo encho a barriga.

Olha ainda para aqueloutro que chora e protesta, porque o padrasto o obriga a acompanhar ao lupanar.

Olha também toda essa chusua de farrapilhas que constantemente pede que os levemos para as Colónias porque—ao menos lá não passamos fome.

São vozes de pequeninos que bradam aos céus, porque não tem quem lhes parta o pão. E se tu, Senhor, ouves o rugir da fera, empoleirada no rochedo, pedindo a ração diária, não ouvirás a voz dos inocentes, pedindo abrigo e pão?

Ai de nós, se não confiamos em Ti.

Mas, a confiança na Providência não nos permite cruzar os braços, para que o vento junte a lenha. Temos que estendê-los aos homens, como se tudo dependesse deles. E' o que neste momento fazemos.

Vamos levar, para Miranda, cem Gaiatos da Rua, aos poucos, durante três meses. Já temos casa alugada, independente da Casa do Gaiato, que continua com a sua vida própria. Para principiar temos apenas duzentos escudos que um grande amigo da «Obra» nos meteu á fôrça nas mãos, e cinco litros de azeite. E' tudo. Precisamos de armar vinte camas completas; precisamos de legumes, mercearia, farinha, mais azeite, de tudo afinal...

Noutros tempos, para fazer face ás despesas das Colónias, a voz do P.<sup>o</sup> Américo ecoava em todas as igrejas de Coimbra e por essas praças e termas além. Agora que o Norte reclama a sua presença, parece que outra voz deveria surgir para preencher a lacuna. Mas não. Nem nas igrejas a minha voz seria suficientemente maviosa, para elevar os corações até Deus, e, n'Ele verem a desgraça dos pobrezinhos, nem nas praças seria suficientemente forte, para fazer calar o mar. Temos pois de pensar noutro modo de fazer chegar a água aos cem moinhos que pedem trabalho três vezes ao dia. Qual será êle?

Na Livraria do Castelo, na Gráfica, no José Carlos de Sá, da Rua da Sofia, ou directamente na Casa do Gaiato de Miranda, esperamos uma resposta concreta. A primeira leva levantará ferro, de Coimbra, no principio de Julho. Não vás para

férias sem ter dado férias a um gaiato, durante quinze dias.

P. S.—Oh Coimbra, não deixes cair o P.<sup>o</sup> Adriano, e ajuda-o a dar um mês de sol e de pão aos garotos da Vuela—que são teus. Peço. Suplico com a mão no peito!

## O QUE NOS TRAZ O CORREIO

Vai em quarto minguante a lista dos donativos recebidos, mas, não sei porquê, não me mete medo o futuro.

Talvez por ver constantemente o milagre diante dos olhos. Milagre, sim. Não é figura de retórica. Basta dizer que da Comissão Reguladora de Miranda recebemos dois quilos de arroz e o bacalhau etc. (se a memória me não falha) anda pela mesma proporção. O resto vem por acréscimo.

Contudo, quando, ao voltar a Coimbra, dou uma vista de olhos pelas tulhas da dispensa, sempre as encontro no mesmo ser.

Só vai para o fundo quem, como Pedro, duvidar da palavra do Mestre. *Homem de pouca fé, porque temeste?*

Merecer essa censura é que tememos.

Soma e segue.

—Para principiar as Colónias 200\$00 e um amável e desinteressado—*conte sempre comigo.*

—De Lisboa, num vale, 100.

—De Tortuzendo, 100.

—De Miranda, 65 e mais um cabaz de cerejas.

—No Banco Espírito Santo, alguém depositou 50.

—No mesmo mais 15 e mais 30.

—De Vila-Fernando, 50.

E mais outro piano! E louvado seja Deus com tanta fartura!

## ORA QUEIRA ATENDER:

*Daqui fala a Aldeia dos Rapazes. Sim senhor; andamos contentíssimos. Nota-se muita animação nos senhores assinantes de O Gaiato; tem vindo á desobriga numero considerável deles e espera-se que não fique um por desobrigar.*

*Por cá tudo bem, só que os mais miúdos atêmam em ir aos ninhos e o Carlos deixou esturrar as papas.*

*Tenha a bondade de desligar sim?*

P.<sup>o</sup> M. Pinto da Rocha de Lisboa, 20\$00; P.<sup>o</sup> João Pereira Gonçalves de Vila Nova, 100\$00; Pedro J. M. Ferreira do Pôrto, 30\$00; José Luiz da Rocha do Pôrto o dobro, Maria B. Leonor Salvador idem, 25\$00 Margarida Pinto Bastos e Almeida de Lisboa, 50\$00; Irene da Silva Rodrigues, Viana do Castelo, 50\$00; Júlio Mendes V. Real de S to António, 25\$00; José Augusto Ferreira Cepas, Figueira da Foz, o dobro, Camilo José Ribeiro do Pôrto, 30\$00; Ramon de Olazabal da Praia da Granja, 50\$00; Manuel Nunes Fernandes de Lamego o mesmo, José da Cunha Araújo, Mesão-Frio metade, Ana Maria Campos Sousa, Foz do Douro, 20\$00; José de Oliveira Xavier, Boafarinha, 25\$00; Vitorino Tôrres Correia Cadeia de Coimbra, 20\$00; Rosalina Leite da Silva Braga o mesmo, idem, Centro Extra Escolar n.º 1 da M. P. de Vila Real de S.to António

o mesmo, António Manuel Coimbra de Oliveira, Pôrto, 25\$00; Alfredo Resende Gomes de Almeida Pôrto o dobro; Manuel Monteiro Soares, Pôrto, 40\$00; Inácio Cordeiro, Pôrto, 20\$00; Francisco Carvalho Júnior, Pôrto, 100\$00; Raúl Peixoto, Pôrto, 20\$00; António Teixeira de Carvalho Pôrto, 500\$00; António Teixeira de Carvalho Júnior, Pôrto, 40\$00; José Luís Pacheco, Famalicão, 10\$00; Francisco Alves Cortês, Porto o dobro, Rogério Antunes, Pôrto, 5\$00; Dionísio Pinheiro, Pôrto o dobro, idem, Manuel Gonçalves, Famalicão, 200\$00; idem, Carlos Campos, metade, Manuel Barbosa, Famalicão, 500\$00; Daniel Barbosa, Crestuma, 200\$00; Manuel Tôrres Santos, Pôrto, 50\$00; Manuel Cepeda Pôrto, Armindo Silva, Adriano Silva, todos do Pôrto e 20\$00 cada bico, Francisco Teixeira de Carvalho, Pôrto, 300\$00; Maria Cândida Silvina, Colégio de S. José, Coimbra, 25\$00; Olívia Barreira, Dr. José Guardado Lopes, todos de Coimbra e pagaram 25\$00; D. Luisa Furtado Coimbra, o dobro, idem. Maria Georgina Trigo Ferreira, Colégio de S. José, Coimbra 25\$00; Maria da Cruz Martins, 24\$00; Uma assinante de Moura, 10\$00; João Mendes Carreira de Lisboa, 100\$00, (saiu Correia, por engano) Joaquim César Tavares de Pinho, de O. de Azemeis, 30\$00; Fernando Andrade Moreira Monteiro do Pôrto, 25\$00; Afredo Marques da Silva Valente de Cucujães, 25\$00; Dr. Fernando da Costa de Anadia, 50\$00; Maria Margarida Leon da Silva de Lisboa, 15\$00; Maria Elvira Castro da Foz, 30\$00; José da Rocha e Silva do Porto, 20\$00; Armando Madureira do Porto, 20\$00; José Carneiro do Porto, 50\$00; Miguel Azevedo do Porto, 50\$00; Maria Adelaide Aleixo idem, 30\$00; Isolate Maria Dias Pereira do Amaral idem, 30\$00; Carolina de Almeida idem, 25\$00; Coronel Faria de Abreu de Penafiel, 25\$; Joaquim Pereira Moraes de Lamego, 50\$; Dr. António Melo de Seia, 36\$00; Ester da Cunha Barata idem, 25\$00; P.<sup>o</sup> José Bigote idem, 36\$00; Dr. António Cabral idem, 15\$00; Augusto Domingos Peseta da Regua, 15\$00; Jayme Pignatelli de Seia, 24\$00; António Augusto dos Santos idem, 7\$50; Alberto Marques de Castro idem 5\$00; Marlette Bandeira idem, 15\$; Raúl A. Correia do Porto, 25\$00; José Fernando Ferreira da Granja, 50\$00; Luzia Fernão de Portimão, 20\$00; Gaspar Ferreira Capa do Porto, 24\$00; Ramiro Batista idem idem, Domingos de Castro Gomes idem, 30\$00; António Nascimento Cordeiro idem, 24\$00; José Bismark idem idem, Adelino Dias Costa de Avanca, 50\$00; Maria do Carmo Lacerda de Moura, 12\$00; Ilda Banha idem, 15\$; Dr. Joaquim Cárvoa de Coimbra, 100\$00 Este senhor é um verdadeiro apaixonado da Obra; tem arranjado para ela as melhores estolas e os melhores amigos. Obrigado Doutor. Jaime Bravo de Sinfais, 25\$; Dr. Manuel Boleu de Coimbra, 25\$00; Maria do Rosário Lima dos Reis, de Coimbra, 20\$00; Arquitecto Augusto Moreira da Silva do Porto, 50\$00; Dr. F. Correia Figueira do Funchal, 50\$00; Dr. Luís de Albuquerque de Meda, 25\$00; Dr. Joaq. Capela de Tôrres, 20\$00; Maria Nazaré Cabral Pinto de Penvalva do Castelo, 50\$; Luísa Augu to de Oliveira Pinho de S. João da Madeira, 25\$00; Ana Maria Branco de Macedo de Lisboa 50\$00; Manuel Maria de Carvalho Branco idem idem, Mário Ferreira da Silva do Porto, 30\$00; Francisco David Ferreira da Silva idem idem, Engenheiro António de Faria idem, Maria das Dores Fialho Garcia de Barrancos, 50\$00; Augusto de Lemos do Porto, idem idem; M de Portugal Branco de Lisboa, 20\$00; Agostinho da Silva de Paços de Sousa, 30\$00; João Faia da Mealhada 2\$00; António Amadeu da Costa de Pedrido idem, Capitão António Ibérico Nogueira de Leiria, 45\$00; António Gonçalves da Silva de Lisboa, 20\$00; José Mascarenhas Falcão idem idem, Maria Izabel Falcão idem idem, Maria Adelaide do Valle Azevedo idem, 25\$00; Teresa Maria Azevedo Mendes idem idem, António Martins de Azevedo, além de muito mais, 100\$00; Senhoras Andrade Ventura, também de Lisboa, 50\$00; Maria Amélia Fragoço Almeida de O. de Azemeis, 25\$00; José Rosa Ribeiro de Lisboa 24\$00; José Bernardo Lobo idem, 30\$00; Alberto Malheiro Dias idem 24\$00; Miguel Machado idem idem, José Maria Ferreira da Silva idem idem, Luís Lopes, 30\$00; Alberto Mesquita Horta Machado idem, 10\$00; Manuel Cunha idem, 25\$00; António Marques, Filho idem idem; Maria Benedita Alves Pereira idem, 24\$00; Emílio Louret idem, 25\$00 Os Lisbuetas estão a tomar gosto ao GAIATO. Arnaldo de Miranda Barbosa de Coimbra, 50\$00; Maria Margarida de Espozende, 20\$00; Maria Cândida Rodrigues idem idem, Marília Leite Correia do Porto, 20\$00; Ermeziada Pera idem idem, Maria Julia de Sousa idem idem, Eng. Nicolau de Carvalho do Porto, 40\$00; Dr. M. Pinto idem 50\$00; Maria Helena Amaral idem, 20\$00; Leonilda Matos idem idem, José Marques Pinheiro de Sousa idem, 100\$00.

# DO QUE SE PASSA NO LAR DO EX PUPILLO DOS REFORMATÓRIOS

## Rapazes do Lar de Coimbra, visitaram a Casa do Gaiato de Miranda

Fala o João Augusto:

«Ainda não tínhamos entrado na Casa do Gaiato, quando um deles noticiou em alta voz, como se para eles fôsse uma nova aurora: — Lá vem o Snr. Padre Adriano! Foi quanto bastou para que toda aquela petizada surgisse de todos os cantos correndo como os pintainhos para a mãe. Quem mais corria era quem primeiro pedia a bênção; mas o Snr. Padre Adriano, cujo quadro infantil já lhe era indiferente, sorriu-se para mim exclamando: — Amigo João, vêm-lhe prestar honras... — Perdão... ao Snr., protestei eu... e ali estavam todos pedindo a bênção, ao mesmo tempo que o Snr. Padre Adriano lhes passava a mão pelas cabecitas. Junto de mim e do meu colega, aproximavam-se outros, de mãos nos bolsos, que nos saudavam amigavelmente. — Bons dias snrs. visitantes. — Olá, miudagem... lá estava o Balalaica, que sendo o mais miudo, estava empurrando os outros para mais depressa lhe chegar a vez dum festinhas. Entretanto, ouviu-se nitidamente a sineta da casa: as papas fumegantes esperavam-nos à mesa. Todos iam em grande algazarra correndo para a sala de jantar. Depois da refeição havia então uma obrigação a cumprir. Erguia-se por de traz das camaratas uma capelinha branca, muito simples e pequenina, mas com a mais plena eficácia nas coisas de Deus. O Snr. Padre Adriano foi quem subiu ao altar. Assistiram também à missa muitos trabalhadores rurais que estavam com a máxima compostura. Era meio dia quando se encontravam todos em volta do piano. Lá estava o Snr. Joaquim, que apesar de cego manejava as téclas com energia, ao mesmo tempo que o Snr. Manuel fazia vibrar as cordas do seu violino. E todos rompiam com uma canção e tudo decorria animado para a visinhança que se regalava também de ouvi-los. Às quatro da tarde saímos todos em passeio até ao campo. Era interessante ver o Snr. Padre Adriano brincar com eles. No regresso para Coimbra, ainda lancei o último olhar por aquela Casa do Gaiato, por aquelas trepadeiras, por aqueles banquinhos ageitados em troncos de árvores que parecia só obra da Natureza, aqui uma velha nora, acolá uma hortazinha, e em tudo achei uma simplicidade, um jardimzito, um canteiro de flores puras onde respiravam tôdas o mesmo amor pela Obra, e acabei por dizer às flores, àquelas loiras flores: — Bendito seja o vosso floricultor, que tão boa colheita há-de oferecer a Deus. Fiquei prêso ao encanto das crianças, de modo que ali voltarei mais vezes».

O João Augusto é do Reformatório de Caxias. Não tem parentes. Não conheceu os Pais. É ele quem faz e conserta todo o calçado dos habitantes do Lar. Temos mais trez, procedentes do mesmo Estabelecimento; o José Alves, cozinheiro da Comunidade, o Parra, mecanico nos Hospitais da Universidade e o Herlander, que é o nosso Maioral e frequenta o 6.º ano do Liceu.

O nosso Ministro da Justiça, Professor Adriano Vaz Serra, interessa-se fervorosamente por esta Obra e deseja que em Lisboa se faça o mesmo. A acção supletiva daquele Ministério, no que toca às despesas do Lar, tem sido e promete ser completa.

As dificuldades que esta obra oferece, não podem de maneira nenhuma ser obstáculo. Já tivemos casa falada, mas falta-nos o Rapaz indigitado para Maioral da casa de Lisboa, que o era em Coimbra, quando foi chamado ao serviço militar. Já se pediu no Ministério da Guerra para que no-lo deixassem regressar dos Açores. Todos os seus companheiros vieram; êle ficou. Compreende-se. Querem-no lá pela mesma razão que eu o desejo cá.

Sem um rapaz-chefe saído de entre eles, não podemos tentar fazer a vontade do Ministro. A nossa divisa há-de andar à tona: *Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.*

Que venha dos Açores o cabo Alberto Augusto, o simpatico moço que me ajudou a embalar o berço onde o Lar de Coimbra nasceu. Que venha Senhor Ministro, e depois falamos.

O garoto absolutamente inadaptável, é muito raro; até à data, houve apenas três casos sérios de deserção: O Ernesto, o Anibal e o António Mau. Os dois últimos, deram entrada no Refúgio da Tutoria de Coimbra; o primeiro, desapareceu. Ora isto é quasi nada, para uma obra social que se ocupa única e simplesmente do vadio das ruas e que não tem castigos, nem guardas, nem força obrigatória, nem prisão.

O fugitivo de pouca distancia e demora, é mais frequente, mas só o faz uma vez. No regresso, tal assoada lhe movem os companheiros, que êle jura para nunca mais!

A maioria é dos que chegam e vencem. Há casos absolutamente inesperados, que fogem a toda a regra, a todo o estudo, a toda a previsão. Um caso: O Luciano, sem casa nem familia, é de Coimbra. Inteligente, simpático, qualidades estas altamente perigosas, anda na companhia de larápios e tem no activo numerosos furtos. Foi dar a Miranda. Encontrou-se feliz desde a primeira hora. Dá serventia a pedreiros, nas obras da nossa capela. Alguém pergunta-lhe se está contente e o que pensa fazer. Tem no momento, à cabeça, uma tabua de cal.

—Ando a ver se me venço!

Quem poderia esperar tal resposta

# OBRA DA RUA

## Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes

de um tal rapaz? Este glorioso petiz, é o mesmo que pediu em Coimbra, a um senhor, vinte escudos para o funeral da avó. Era mentira! Pois aquêlê mesmo senhor declarou, mais tarde, que nunca vira em sua vida lágrimas tão sentidas, nem cena mais bem representada!

Os nossos castigos não são de pau nem pedra, mas abalam os alicerces. São o quem não trabalha não come. Isto só; nú e erú.

Alguns entram no refeitório a chorar. —Que tens tu?

—Vou comer pouco!

Muito há a esperar do pequenino que procura conquistar com lágrimas nos olhos, habitos de trabalho.

O Zé Carlos, do Alentejo, vai para a erva, nos campos. Os grilos tentam-no. Chega a casa cheio de grilos e vazio de erva.

Senta-se à mesa. O cozinheiro serve meia ração. Ele refila adoravelmente.

—Olha, mais erva e menos grilos. Tudo ensina o pequenino, nas Casas do Gaiato; até os grilos.

Justiça, Verdade, Amor.

Com estas pedras edificamos monumentos, que são património da Nação.

Durante quatro anos de experiência, trememos, a estudar, a observar o rendimento social da Obra. Ele era para nós a única força que importava. Vivemos a vida de cada gaiato, em todos os seus minutos e da vida de cada um, fizemos a nossa vida.

Chegamos a uma conclusão. O pequeno afeiçoa-se. Toma gosto. Corrige-se. É feliz.

Torna-se necessário alargar. Fazer nossas, as crianças abandonadas. Resgatar. Erguer um Portual melhor com os portugueses. No Norte, no Sul, em tôdas as cidades do País, dar casa aos pequeninos. Começou-se pelo Pôrto. O Luís acendeu a luz.

# VIVA O POVO DE VIZEU

Foi no dia 26 de Maio. Estavam todos à minha espera em um dos teatros da cidade. Quizeram ouvir noticias da creança dos caminhos e comovidos, abriram o tesoiro da sua pobreza em notas e moedas no valor de seis contos. Uma Mulher do nosso povo, foi à estação entregar um envelope; eram dois milhares de escudos. "Para uma cama", disse; e desapareceu!

# Falam as Câmaras

A de Coimbra costuma dar e já deu este ano, um donativo de cinco mil escudos. A de Amarante, como foi notificado, quiz lançar nos seus livros um louvor à obra e com êle, um dote anual de dois mil. A de Lamego, parece que vai mexer-se.

E a Câmara Municipal do Pôrto, dos vinte e cinco mil escudos que prometeu, entregou quatro partes com tôdas as facilidades. Os Funcionários da Tesouraria, contaram as notas com alegria — "que dinheiro tão bem empregado"; e quizeram dar-me um envelope com notas e moedas, da sua pobreza.

As Câmaras são, ou devem ser, do povo e para o povo, porque vivem no meio do seu povo; o Governo é muito longe. Toda a obra que beneficia directamente as classes humildes, devia ser a menina dos seus olhos.

ESTE NÚMERO DE  
"O GAIATO"  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

## CAPÍTULO II Casa do Gaiato do Pôrto

A Casa do Gaiato do Pôrto, é uma aldeia de rapazes, sita na freguesia de Paço de Sousa, a trinta quilómetros da cidade do Pôrto. Nós temos de defender a criança abandonada de todos os males da alma e como a rua é o maior de todos, procuramos instalações distantes dos grandes centros. A aldeia é erguida dentro da cêrca do antigo convento Beneditino, que fez durante séculos a história daquelas terras e entra agora em novo capítulo.

São dezoito moradias, para sete, doze e dezassete rapazes cada uma. Por economia de tetos, estas dezoito habitações são feitas em nove edificios com rés-do-chão e primeiro andar, sendo as entradas por lados opostos, para assim existir rigorosa independência e cada familia ter a sua casa.

Dentro, existem sala de familia, rouparia, arrumos, retretes. Existe o quarto do pequenino vigilante, com vista para aposentos dos pequeninos vigiados. Cozinha e balneários, são comuns.

Continua.

(Folhetim de "O GAIATO", numero 8)

REDAC  
Casa  
P A C  
V  
M  
pria; t  
mo pe  
levar n  
cer a  
deram  
a saib  
hoje t  
gestosa  
êles d  
de distr  
espreita  
olhe, a  
Tive i  
mitório  
tudo  
desenca  
noticias  
Gostari  
não te  
fui-me  
Some  
mos se  
dade d  
toda a  
cia. El  
Bem, q  
o mal  
dos pe  
Já me  
nal e  
mãos e  
vinas,  
dade; e  
Saiu  
contas  
o prob  
acode r  
garotos  
Outros  
botar  
baixo,  
ninguem  
mentos  
perigos  
merame  
dade p  
do pas  
nho e  
dar com  
mais cai  
não val  
gelho  
é de c  
êlé, é c